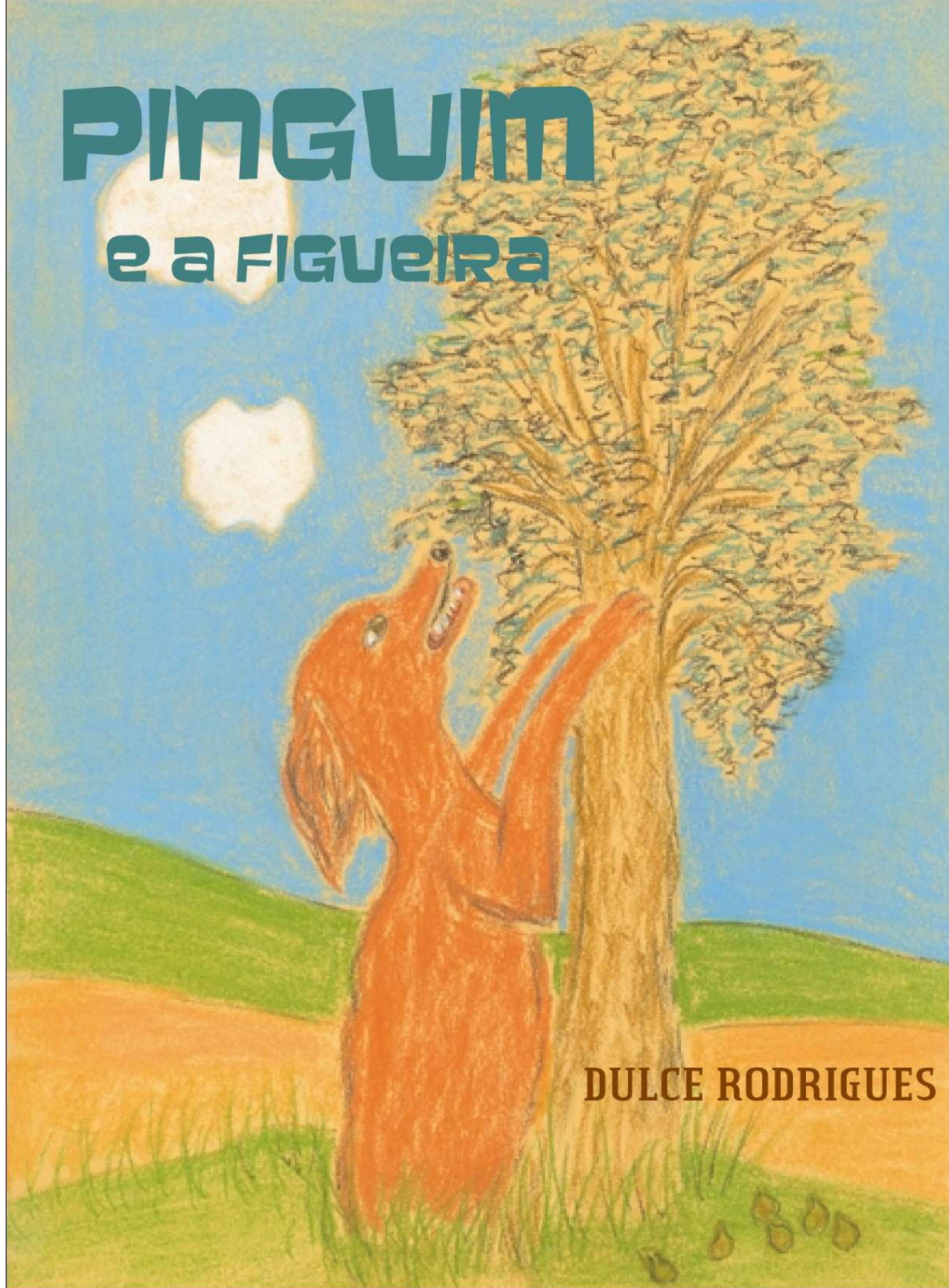


PINGUIM e a FIGUEIRA



DULCE RODRIGUES

PINGUIM
E A FIGUEIRA

(A estória de um cão)

Autora : Dulce Rodrigues

Portal pessoal : www.dulcerodrigues.info

Portal infanto-juvenil: www.barry4kids.net

Edição Barry4Kids

© Dulce Rodrigues, 2001. Reservados todos os direitos.

Este texto está protegido pelas leis e tratados internacionais relativos aos direitos de autor. Toda a reprodução, por qualquer processo que seja, sem a autorização da autora é passível das sanções previstas pelo código da propriedade intelectual e das convenções internacionais em vigor sobre os direitos de autor.

Quando ainda era jovem, costumava passar as férias de Verão em casa do meu tio Ernesto que morava nessa altura perto da Figueira da Foz, numa linda casa perto da praia e rodeada por um pinhal.

Pois bem, o meu tio tinha um cão, o Pinguim, e é a propósito dele que vos vou falar.

Era um cão magnífico, um setter irlandês, muito meigo e disciplinado que, contudo, tinha um grande defeito! Era guloso! Adorava... Bom, já vão saber!

Mas antes de o meu tio descobrir este ponto fraco do seu cão, foi preciso que ele desvendasse o mistério dos figos desaparecidos!

O tio Ernesto gostava muito de fruta, sobretudo de figos. Tinha, pois, plantado uma figueira precisamente em frente da janela do seu quarto.



A figueira tinha-se tornado enorme, e ele podia assim ver os figos logo que estes começassem a estar bons para comer.

Ficou, por isso, muito contente quando viu os primeiros figos maduros. Disse lá para consigo, "amanhã vou apanhá-los".

Para seu grande espanto, contudo, os figos que ele tinha visto na árvore, no dia anterior, já lá não estavam no dia seguinte.

Pensou então que a tia os tinha apanhado e comido, e não se incomodou mais com o assunto.

Alguns dias mais tarde, reparou que havia de novo bonitos figos maduros e logo prometeu a si mesmo ir colhê-los no dia seguinte.

E eis que no dia seguinte, os figos tinham desaparecido!

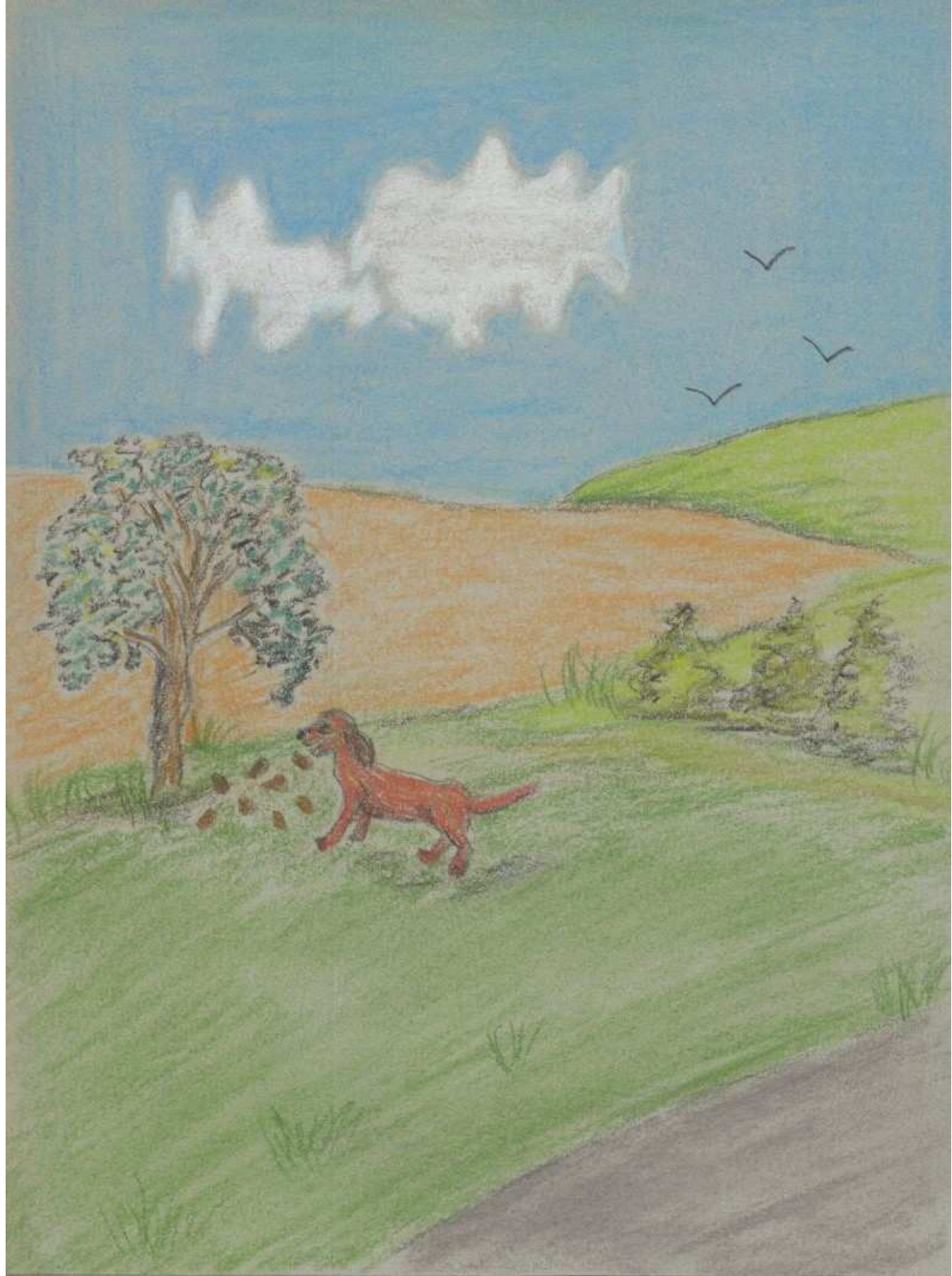
Frustrado mas conformado, o tio Ernesto não disse nada à tia – sempre convencido de que era ela que tinha apanhado os figos – mas jurou nunca mais se deixar levar.

E quando, uma bela manhã, viu que novos figos maduros pendiam da árvore, precipitou-se logo para o jardim para ir apanhá-los.

Foi então que o tio Ernesto percebeu quem se tinha regalado com os figos durante todo aquele tempo!

Em pé, com as patas dianteiras a arranhar e a sacudir a figueira - como fazem os ursos quando querem que caiam os frutos das árvores - estava o seu caro Pinguim!

O malandro já tinha comido dois ou três figos! Os frutos maduros caem facilmente das árvores, sobretudo se as sacudimos.



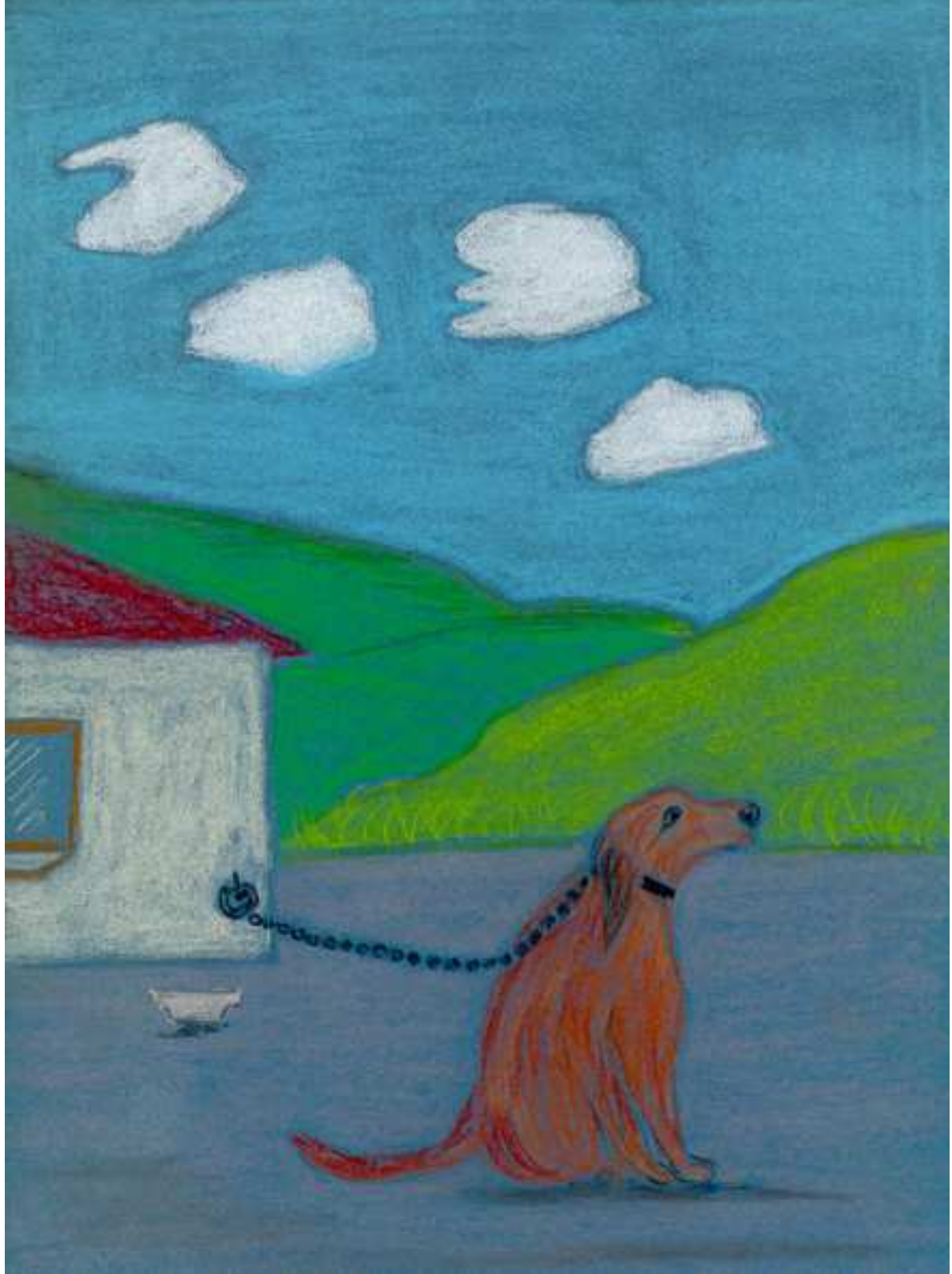
A partir desse dia, o tio Ernesto decidiu que o Pinguim ficaria atado a uma corrente, enquanto durasse a época dos figos. Esta solução teria também a dupla vantagem de pôr fim às fugas misteriosas e repetidas do seu querido companheiro de quatro patas.

Com efeito, desde que os dias bonitos de Verão tinham começado, o Pinguim desaparecia todas as manhãs e não regressava senão à hora do almoço. Estas escapadelas intrigavam deveras o meu tio, que contudo tinha acabado por se resignar. Já nem se preocupava.

Aproveitou, assim, o incidente dos figos para prender o Pinguim a uma corrente, aliás bem fraca, e foi para o trabalho.

Quando regressou para o almoço, viu que a corrente estava partida, e que do Pinguim... nem sinal!

Decidiu então que era preciso uma corrente mais forte. Mas como o tio Ernesto não queria dar ao seu cão a impressão de que o tinha prisioneiro, a corrente que comprou continuava a não ser suficientemente resistente.



E no dia seguinte de manhã, esse maroto do Pinguim lá tinha fugido outra vez!

O mistério destas passeatas só foi resolvido quando eu e a minha avó chegámos para passar uns merecidos dias de férias em casa do tio Ernesto, depois de uma longa viagem de comboio desde Lisboa.

Ora oiçam.

Como já vos disse, eu ia passar as férias grandes a casa do meu tio porque ele vivia, nessa época, na Figueira da Foz, uma praia de grande beleza e muito turística. A casa dele ficava perto da beira-mar, no cimo de uma rua, sem saída, que terminava à entrada de um pinhal.

No dia seguinte à nossa chegada, eu e a minha avó fomos logo de manhã para a praia que, como vos disse, não ficava longe da casa.

E eis que, de repente, avisto um cão setter irlandês no meio de uma multidão de crianças. Puxava uma espécie de carrocinha com dois ou três miúdos lá dentro!



Custava-me a acreditar no que viam os meus olhos!
Disse à avó que olhasse também. Era, contudo,
verdade! O cão era bem o Pinguim!

Dirigi-me aos miúdos e perguntei-lhes como é que
eles conheciam o Pinguim. Eles explicaram-me então
que o cão tinha aparecido, um dia, como por encanto,
vindo não se sabe de onde, e que desde esse dia ele
voltava todas as manhãs. Os garotos não sabiam o
seu nome, mas adoravam-no.

Quando o meu tio foi posto ao corrente desta faceta
maternal do seu querido amigo de quatro patas,
mostrou-se muito contente e orgulhoso do seu cão e
esqueceu-se rapidamente dos pequenos furtos de
figos. O Pinguim tinha o seu perdão e a sua
compreensão. E também a sua permissão para ir
brincar com as crianças da praia. O Pinguim nunca
mais seria acorrentado a uma trela!

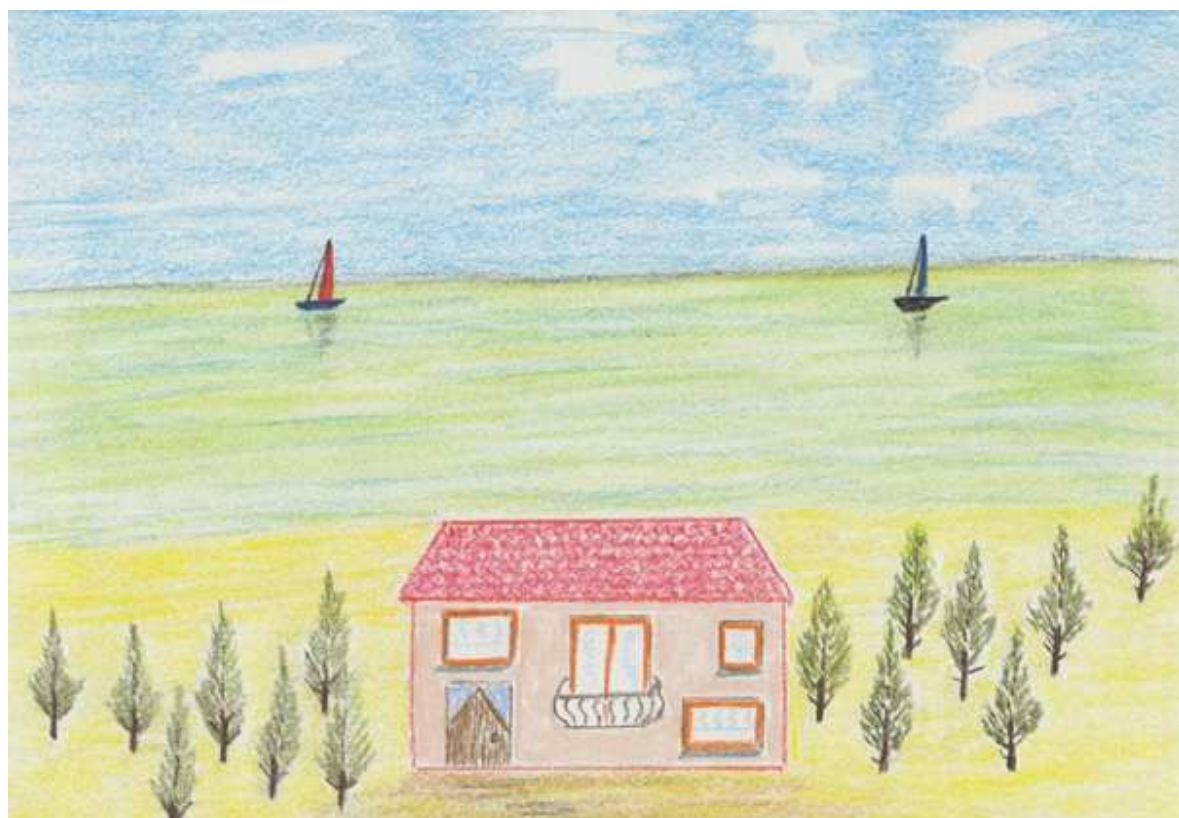
De qualquer modo, assim que o verão acabava e
que as crianças se iam embora, o Pinguim já não
fugia, permanecia no jardim, com muito juízo... até
ao Verão seguinte!

Pois é! Logo que chegava a época das férias grandes, e que com ela as crianças regressavam à praia, eis que recomeçavam as escapadelas do nosso caro Pinguim!

E como o Pinguim não sabia falar, não podia contar-nos como é que essa aventura tinha começado.

Guardou o segredo só para ele!

Dulce Rodrigues



A Autora

Portuguesa e "alfacinha", Dulce Rodrigues viveu grande parte da sua vida na cidade que a viu nascer. Mas a sua carreira profissional conduziu-a a outras cidades e a outros países da Europa. Divide agora o seu tempo entre as viagens e os livros. Escrever para crianças é fonte de grande realização pessoal.

Depois da publicação, há já alguns anos, da primeira edição do seu livro *L'Aventure de Barry*, Dulce Rodrigues criou o projecto pedagógico www.barry4kids.net que lhe tem proporcionado contactos e colaborações em vários países da Europa, nomeadamente Bélgica, França, Alemanha, Luxemburgo e mesmo Roménia.

Pelo facto de escrever directamente em várias línguas, os seus livros estão editados também em vários países. A sua peça *Pinguim e a Figueira* foi representada na Roménia e no Luxemburgo, país onde foi igualmente representada a peça *Há Festa no Céu*. Em Portugal, *O Pai Natal está constipado*.

Livros para crianças da Autora:

Piloto e Lassie, uma outra estória de Romeu e Julieta, 2011 - teatro

Der Weihnachtsmann ist verschnupft, 2010 – teatro

Father Christmas has the Flu, 2010 – teatro

Barry's Adventure, 2010 – conto

Il était une fois une Maison, 2009 – conto

O Pai Natal está constipado (bilingue), 2008 – teatro

Le Théâtre des Animaux, 2008 – teatro

A Aventura do Barry (CD-Rom), 2001 – conto (esgotado)

L'Aventure de Barry, 1999 – conto (esgotado)

Guiões de teatro (em português) da Autora:

Há Festa no Céu

Pinguim e a Figueira

Cão e Gato, amigos inseparáveis

Corre, corre, Cabacinha

História da Carochinha

O Milagre de São Nicolau (Natal)